

# “EM SILÊNCIO, ESSES MESMOS OBJETOS ME CONTAM SOBRE VOCÊ”: MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS TESSITURAS DE O AVESSO DA PELE

“IN SILENCE, THESE SAME OBJECTS TELL ME ABOUT YOU”: MEMORY  
AND IDENTITY IN THE TESSITURES OF THE WALLS OF THE SKIN

Julia Alves Evangelista<sup>1</sup>

José Elias Pinheiro Neto<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta análise tem o objetivo de explorar a estilística da memória como recurso para o processo de reconstituição identitária em *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório. O romance apresenta um enredo cujo narrador, Pedro, rememora a vida do pai, Henrique, em um momento de instabilidade emocional ocasionado pelo luto em um cenário de racismo, discriminação e opressão. Henrique fora morto de forma injusta e violenta em um ato de resistência à abordagem policial após sair do colégio em que trabalhava, o resgate de sua memória acontece quando Pedro recria a memória paterna por meio de recortes, experiências e itens que simbolizam a passagem de vida do genitor. Essa pesquisa utiliza do formato qualitativo e exploratório, de modo a compreender a memória e identidade que evidenciam a problemática do racismo estrutural na sociedade brasileira. Para fundamentar o recurso memorialístico na narrativa, é utilizado Maurice Halbwachs (2006) enquanto Pierre Nora (2012) discorre a diferença entre memória e história, fundamentando a constituição dos lugares de memória. O texto de Stuart Hall (2006) e de Tomaz Tadeu Silva (2000) são utilizados para compreender a formação identitária dos sujeitos em uma sociedade cujo, parâmetros identitários, sofrem instabilidades em um sistema de representação.

**Palavras-chave:** Identidade. Memória. Racismo.

**Abstract:** This analysis explores the stylistics of memory as a resource for the process of identity reconstruction in Jeferson Tenório's "*O avesso da pele*" (2020). The novel presents a plot in which the narrator, Pedro, reminisces about the life of his father, Henrique, during a moment of emotional instability caused by grief in a context of racism, discrimination, and oppression. Henrique was unjustly and violently killed in an act of resistance to police intervention after leaving the school where he worked. His memory is reclaimed when Pedro recreates his father's memory through clippings, experiences, and items that symbolize his father's life. This research uses a qualitative and exploratory format to understand the memory

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura e Interculturalidade pelo POSLLI da Universidade Estadual de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa LINTERFACES CNPq/UEG. [julia.a.evangelista@hotmail.com](mailto:julia.a.evangelista@hotmail.com)/ <https://orcid.org/0009-0009-6172-5244>

<sup>2</sup> Líder do Grupo de Pesquisa LINTERFACES CNPq/UEG. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFCLH/USP). Professor Permanente da Universidade Estadual de Goiás (UEG/POSLLI). [jose.pinheiro@ueg.br](mailto:jose.pinheiro@ueg.br) / <https://orcid.org/0000-0001-9574-6451>

and identity that highlight the problem of structural racism in Brazilian society. Maurice Halbwachs (2006) is used to ground the memoir in the narrative, while Pierre Nora (2012) discusses the difference between memory and history, grounding the constitution of places of memory. The text by Stuart Hall (2006) and Tomaz Tadeu Silva (2000) is used to understand the identity formation of subjects in a society whose identity parameters suffer instability in a system of representation.

**Keywords:** Identity; Memory; Racism.

## **Introdução**

O autor Jeferson Tenório é professor, escritor e pesquisador com formação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nasceu no Rio de Janeiro em 1977, sendo radicado em Porto Alegre. *O avesso da pele* (2020) de Jeferson Tenório é um romance vencedor do Prêmio Jabuti 2021, em que o narrador, Pedro, utiliza da segunda pessoa (você) para incitar a narrativa ao falecido pai, Henrique.

Esta pesquisa se organiza pela abordagem qualitativa exploratória que investiga a escrita memorialística para observar a forma com que Pedro reconstrói sua própria subjetividade e identidade após ter o vínculo ancestral interrompido em uma realidade racista que oprime e ceifa a vida de pessoas negras. A análise dos fenômenos que envolvem o romance revela a forma que Henrique vivenciou o racismo estrutural no espaço em que o enredo é desenvolvido e como acabou sendo morto em uma abordagem policial ao ser confundido como um criminoso. Observando a conjuntura espacial, temporal e social que envolvem Pedro, entende-se como sua individualidade é afetada pelas marcas do racismo e, principalmente, após a perda de seu pai que também fora atravessado pelas atribuições de uma sociedade que discrimina, esfacela e define estereótipos às pessoas racializadas.

Pedro conta a história e os detalhes íntimos compreendidos entre a infância até o fatídico dia da morte de seu pai. A partir do que é descrito de Henrique dos os acontecimentos mais confidenciais, os quais ele enfrenta o racismo desde sua infância na creche, quando as professoras fecham seu dedo na porta; os problemas emocionais que lhe causam uma úlcera; a descoberta do significado de racismo no colégio; os episódios de racismo durante seus relacionamentos; a busca de emprego; e as frequentes abordagens policiais que ocorreram ao ser associado aos estereótipos que julgam os indivíduos racializados como marginais e criminosos.

Henrique teve uma trajetória intensamente afetada pelo racismo e foi sofrendo, cotidianamente, os efeitos de uma sociedade preconceituosa. A vida de Henrique, interrompida após mais uma abordagem policial, é contada por Pedro, na tentativa de se reconectar com o pai em um momento de luto, restabelecendo suas raízes ancestrais e ressignificando sua identidade. Pedro resgata a memória do pai como um ato simbólico de recuperar essa presença, ele reúne elementos concretos como objetos, materiais e locais até as experiências observadas e contadas por outras pessoas que conheciam Henrique. A busca pela memória é necessária a Pedro em um momento de profunda dor e luto.

A integração de acontecimentos atuais associados aos atos de preconceito e racismo, vivenciados pelas personagens, promovem reflexões das causas antirracistas e decoloniais em uma sociedade com um passado escravocrata e colonial. Esta pesquisa pretende investigar a memória constituída na narrativa, verificando de que modo a identidade desintegrada reconstitui-se em contato com um passado familiar e ancestral.

O processo de luto vivenciado por Pedro suscita um esfacelamento identitário associado às injustiças raciais ambientadas na cidade de Porto Alegre. A discriminação sofrida por Henrique reflete um racismo que ainda persiste, o qual é preciso ser desconstruído diariamente com o apoio de instituições políticas, sociais e culturais. *O avesso da pele* (2020) é compreendido pelo potencial do processo identitário por meio da memória resistindo ao apagamento da personagem Henrique, vítima da violência e discriminação policial.

A memória é um fenômeno que existe de forma individualizada ou coletiva, ou seja, cada indivíduo armazena suas próprias memórias, mas, também, há as memórias compartilhadas com outros grupos e indivíduos. Maurice Halbwachs (2006) fundamenta a importância dos contextos sociais na integração da memória coletiva o que também reflete na memória individual e subjetiva. Ao evocar fatos e acontecimentos, a memória se cristaliza em um combinado de sentidos e sensações que fazem comunhão com determinada sociedade e pertencimento.

A constituição de memória traz o sentido de considerar, pertencer e validar a representação vinculada às tradições, costumes e trajetórias sociais que se passaram. É justamente o modo de lembrar e reconsiderar o passado que o reafirma como imprescindível ao presente. Pierre Nora (2012) desenvolve um pensamento que fomenta a valorização da literatura enquanto um instrumento que promove a materialização da memória, pois, bem como a literatura, a memória se faz como a vida.

Para solidificar os aportes teóricos que refletem sobre a identidade, são utilizados os ensaios de Tomaz Tadeu Silva em *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais* (2000), em que é embasado o funcionamento dos significados, dos símbolos e os sistemas de representação na formação de sentidos das identidades. Nessa reflexão, o indivíduo constitui sua identidade associando-se aos significados e às simbologias presentes em um sistema de representação, o que resulta em um processo de identificação e reconhecimento.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), Stuart Hall desenvolve reflexões sobre a sociedade em um cenário da modernidade tardia e como os sujeitos sociais atuam nesta esfera de complexidade cultural em que os fenômenos socioideológicos estão instáveis e volúveis. Ao explicar o sujeito pós-moderno em um contexto em que as identidades e a cultura estão em variações e mutabilidades, o processo de identificação tende a torná-lo fragmentado e instável.

*O avesso da pele* (2020) é uma organização de enredo contemporâneo que dispõe a fragilidade identitária de Pedro, o menino recorre ao processo de rememorar a vida do pai para regressar em si à sua própria existência. A necessidade de reconectar com o pai revela não somente a instância do luto, mas, de um passado ancestral negligenciado em que toda uma geração vivencia a desigualdade, a desumanidade e a desintegração de suas identidades culturais.

A estética memorialística incorporada em *O avesso da pele* (2020) atua como agente formador identitário em sujeitos segmentados. A memória individual e coletiva torna-se fundamental para o resgate cultural, assim como para a permanência ancestral e afetiva. A pesquisa viabiliza o olhar para as projeções sociais e para os fluxos socioideológicos na contemporaneidade que debilitam identidades, repensando os resultados negativos e proporcionando reflexões futuras para o campo da identidade e da memória.

Dessa forma, este estudo observa a composição da memória na tessitura ficcional de Jeferson Tenório compreendendo o viés identitário das personagens em um contexto que discrimina o sujeito racializado condenando sua individualidade e subjetividade. A estética da memória promove a integração de elementos ancestrais em indivíduos racializados, recuperando suas fontes identitárias em um cenário de desgaste social, racismo e opressão.

### **A formação identitária por meio da memória e dos lugares de memória**

Em uma situação de fragilidade, é observado como Pedro recorre ao passado e à recordação das lembranças do genitor. O vínculo estabelecido pela memória designa a possibilidade de circular em um ambiente distante que proporciona ao sujeito a reintegração de sua identidade. O contexto social, cultural e ideológico promove experiências, sensações e sentidos que dispõe de simbologias às identidades. A memória é constituída por meio dos acontecimentos sociais e individuais (Halbwachs, 2006), por isso, o rememorar direciona positivamente o resgate identitário em sujeitos com suas identidades debilitadas, ao aproximar o indivíduo de sua coletividade e ancestralidade. Nota-se, a partir dos aportes teóricos, como a lembrança de Henrique se materializa por meio dos locais em que viveu, pelas pessoas que o conheceram, pelos objetos pessoais e pelas simbologias sociais. Pedro cristaliza a memória de seu pai ao evocar um passado que tenciona movimentos íntimos, sociais, políticos e críticos, evidenciando o silenciamento de Henrique ao ser vítima da violência racial em Porto Alegre.

A experiência de Pedro ao narrar a memória e as lembranças do pai em *O avesso da pele* (2020) consiste a partir de uma conjuntura social, isso significa que a memória é resultado de fenômenos transcorridos na sociedade e, conseqüentemente, em grupos sociais. Maurice Halbwachs (2006) apresenta a memória coletiva e a memória individual, de forma que, são experiências vividas na coletividade e registradas na lembrança de forma subjetiva. A memória individual depende da memória coletiva, as reconstruções memorialísticas feitas por um indivíduo só faz sentido caso tenham pontos de contato em um mesmo grupo, como é afirmado:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (Halbwachs, 2006, p. 39)

*O avesso da pele* (2020) desenvolve a presença de um narrador que evoca a segunda pessoa do singular (você), Pedro fala diretamente com o pai, Henrique. Ao descrever e relembrar a trajetória do pai, Pedro se enquadra em uma esfera social em que ele e o pai são atravessados por problemáticas sociais, no caso mais evidente: o racismo.

Silvio Luiz de Almeida em *Racismo Estrutural* (2019) explica que o racismo estrutural atua de forma velada nas organizações da sociedade de forma que seja atuante nas instituições sociais da política, da economia, da educação e da cultura fortalecendo a segregação e a desigualdade racial. Os processos raciais são enraizados desde os processos coloniais e foram

difundidos na conjuntura social brasileira por meio de discursos racistas que privilegiam a supremacia branca e inferioriza pessoas negras:

o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (Almeida, 2019, p. 22)

Henrique sofria cotidianamente os efeitos do racismo na sociedade, conviveu com episódios humilhantes de abordagem policial, entrevista de emprego sendo associado a usuário de drogas, olhares de desaprovação ao namorar Juliana (uma mulher branca), e problemas delicados de saúde, como a úlcera, relacionados aos seus sentimentos em decorrência da discriminação que sofrera desde à infância. A memória individual de Pedro faz sentido uma vez que depende da memória coletiva vivenciada há séculos pela comunidade negra, apresentando e denunciando os casos de racismo no Brasil. Em um momento de recordação, Pedro relembra uma experiência vivenciada pelo pai que retoma outras passagens de opressão e discriminação presenciado pela comunidade negra:

Você foi levado algemado para uma delegacia. Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma aljava nos pulsos. Ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido. (Acharam que você tinha roubado o boné de um daqueles moleques.) E ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem. (Tenório, 2020, p. 15)

O texto de Jeferson Tenório recupera a memória de uma luta coletiva, o que integra e reforça a identidade e a ancestralidade afro-brasileira. A memória de Pedro fortalece a sua própria identidade na intenção de redescobrir suas próprias origens ancestrais. A dinâmica da memória reconstrói experiências, valores, tradições e costumes que foram sendo perdidos pela operação do tempo em concordância com a violência racial. Henrique é lembrado pelo filho resultando em um ato simbólico de luta e resistência, esse ato relembra toda a luta coletiva de uma comunidade injustiçada e desumanizada pela opressão colonial que dominou e ceifou vidas negras. É no reconstituir da memória de Henrique que reconstitui-se os vínculos, os afetos, os apegos, as trajetórias, as experiências e as possibilidades de se constituir em uma determinada conjuntura social e cultural. A memória de Henrique torna evidente a luta para (re)existir em uma realidade que insiste em oprimir, dominar e silenciar identidades negras. Lembrar a forma brutal com que Henrique fora injustiçado é uma forma de denúncia e traz visibilidade à importância da luta racial, bem como consolida a identidade de pessoas racializadas e de toda a comunidade negra.

Para que a memória seja evidenciada e se encarregue da veracidade, Pedro reforça a conexão entre a mãe e outros parentes, fator que determina a constituição da memória coletiva para a memória individual. É observado como a estrutura hegemônica<sup>3</sup> atravessa os sujeitos negros, ocasionando experiências e memórias coletivas de um mesmo grupo da mesma forma que revela o resultado de um passado colonial e escravocrata.

Martha, a mãe de Pedro, também é descrita na narrativa, ela e Henrique tinham um relacionamento conturbado, e se separaram após algum tempo tentando recuperar a relação através da terapia de casal. O relacionamento do casal revela problemas de insegurança emocional e muitas dificuldades de se relacionar de forma funcional demonstrando a ausência de harmonia para conversar e resolver os seus conflitos matrimoniais.

Em uma fala de ajuda do terapeuta de Henrique, é apresentado um detalhe a respeito de Martha: “Compreenda que sua esposa age assim porque teve uma vida difícil. Perdeu os pais muito cedo. Ela tem uma insegurança crônica, mas com o tempo isso passa. Vocês são jovens ainda. Há uma longa estrada pela frente. Tenha um pouco de empatia.” (Tenório, 2020, p. 34). O argumento do terapeuta “teve uma vida difícil” e “insegurança crônica” para Martha, mulher negra no Brasil, reitera os prejuízos de uma sociedade racista que discrimina mulheres e as colocam em vulnerabilidade. O momento da terapia de Martha apresenta de forma breve a complexidade de sua saúde mental, desde sua infância até a sua vida adulta vivenciando episódios de racismo e, em muitos, a discriminação foi delineando a sua própria identidade. As práticas do racismo afetam a comunidade negra de forma trágica, afetando suas identidades, suas vidas, sua sanidade mental e sua capacidade de viver em sociedade.

O racismo adentra profundamente causando danos letais, materiais, sociais, familiares, afetivos e íntimos. A comunidade negra é profundamente afetada pelo racismo, esses danos vão se transferindo de geração em geração ocasionando a perpetuação da discriminação, da desigualdade social e da violência racial. O sujeito racializado tem suas oportunidades de trabalho, de estudo e de vida negligenciados desde o seu nascimento, primeiramente, nota-se que sua comunidade é marginalizada, resultando em perdas de oportunidades. Além dessas questões, a violência e a opressão contra o negro em grande escala revela a complexidade da discriminação racial. Famílias perdem seus filhos e seus familiares cotidianamente para a violência policial que procuram o único alvo: o sujeito negro.

---

<sup>3</sup> A hegemonia, por Antonio Gramsci, é apresentada como uma potencial organização social em ascensão, definindo:[...] o da “sociedade política ou Estado”, planos que correspondem, respectivamente, à função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico”. (Gramsci, 2001, p. 20-21).

Na trajetória de Henrique foram diversas as abordagens policiais e a ridicularização ao ser confundido com um bandido, como se fosse um procurado pela polícia. O conjunto de acontecimentos na vida de Henrique vão alimentando as fontes de memória para Pedro, a lembrança para o filho torna-se um componente fundamental para a construção da memória do pai. A ancestralidade da vida de Pedro reúne elementos fundamentais da memória individual e, também, da memória coletiva, as lembranças de Henrique conectam-se com a memória de sua comunidade. A memória coletiva do negro é sentida e ressentida pelo esfacelamento racial ocasionando a exclusão, o preconceito e a violência de pessoas negras. Na ficção, Pedro narra a lembrança do pai e da mãe com relatos e construções lídimas aos fatos reais, solidificando sua memória individual e sua memória afetiva.

Os objetos deixados por Henrique contam sobre ele, despertam a memória em seu filho que o recupera a partir desses pedaços de existência. A vida de Henrique é retomada a partir dos resquícios de memória que foram deixados após sua morte, essa história de vida é contada pelos resquícios pessoais, cada um carregando uma simbologia, uma forma de existência e de sentido. Pedro entra no apartamento do pai, reencontrando os pertences de trabalho, os orixás, o alguidar, as roupas e a permanência ainda que póstuma:

Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar. Talvez eu deseje chegar a algum tipo de verdade. Não como um ponto de chegada. Mas como um percurso que vasculhe os ambientes e dê início a um quebra-cabeça, um quebra-cabeça que começa atrás da porta da sala, onde encontro um alguidar de argila alaranjada. E, dentro dele, uma pedra, um ocutá, enrolada em guias de cores vermelhas, verdes e brancas, um orixá. Observo-a com cuidado. É assim que se adentra numa vida que já se foi. (Tenório, 2020, p. 10-11)

Pedro restaura a vida do pai em forma de sensações e lembranças por intermédio da memória, aquele lugar no apartamento com itens exclusivos de Henrique permite esse resgate da existência afetiva que se encontra em crise identitária. A perda do pai, após uma abordagem policial, fruto do racismo, demonstra a criminalidade e a crueldade sofridas por Henrique. Pedro, enlutado, encontra-se fragilizado pela dor e pela perda. A presença do pai e a ancestralidade ocorre ali, pelas lembranças deixadas, pelos momentos vividos, as tradições consolidadas, as sensações de pertencimento e os significados de proximidade retomados.

O texto *Entre Memória e História* (2006), de Pierre Nora, desenvolve a diferença entre a memória e a história ao longo de algumas situações do passado em detrimento dos

envolvimentos sociais. A memória é dinâmica, atual, afetiva, dialética e está presente em comunidades vivas. A história é crítica e se solidifica em restaurações incompletas do passado. Essa definição contribui para a percepção do texto de Jeferson Tenório (2020), a narrativa concentra-se na modalidade da memória, de modo que Pedro resgata as lembranças de Henrique pelas cenas afetivas, pelas flutuações simbólicas e sensíveis, pela vivência em comunidade, pelos espaços e pelos objetos.

A manifestação da memória, em conformidade com Pierre Nora (2012, p. 9), provém “de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada”, esse argumento potencializa a memória enquanto algo grandioso e extraordinário. A memória proporciona o encontro do presente com o passado, ressignificando culturas, valores e saberes. As comunidades e grupos vão deixando seus rastros de existência pelo fenômeno da memória. Em sua completude, a memória diferencia-se da história, pois, é passível de esquecimento e de ressignificação.

Segundo Pierre Nora (2012, p. 9) a compreensão da materialização da memória e como ela “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”, fundamenta como a memória de Henrique está presente em seus pertences, nos lugares que frequentou, em suas roupas desorganizadas, em seus livros, em ogum e em cada parte de seu apartamento. A configuração de sentidos da memória vai se constituindo pelos elementos concretos, pelos restos da existência e também pelas simbologias que emergem das relações marcadas na sociedade.

Pierre Nora (2012, p. 12) afirma que “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”, os rastros de memória deixam interpretações subjetivas a cada sujeito e grupo social. A compreensão dos lugares de memória demonstra o que foi deixado, o resto de instantes e a possibilidade de retornar ao passado, revitalizando fatos, movimentos, vidas, pessoas e grupos, recuperando essências e significados. Pedro retoma a passagem de Henrique pelos restos deixados, os itens que foram encontrados no apartamento direcionam a recuperação dessa memória. Henrique retoma à narrativa pelos rastros de sua vida que foram materializados pela sua trajetória entre casa, trabalho e outros ambientes que foram sendo transitados, os objetos pessoais contam sobre esse sujeito, restaurando sua existência e sua essência. Pedro explora os registros de momentos que já se exauriram, as marcas que ficaram de seu pai possibilitam essa retomada ancestral.

Para Pedro, em *O avesso da pele* (2020), retomar o passado é evocar a presença do pai, é conversar com Henrique diretamente de maneira nostálgica e íntima, para além, é acreditar novamente em suas raízes e restaurar seu pertencimento cultural, religioso e social, ainda que esteja em um ambiente nocivo, de racismo e preconceito. O resgate da memória aproxima o sujeito de sua ancestralidade, reafirmando sua fonte de existência e de sua identidade. Ao explicar sobre essas celebrações, Pierre Nora (2012) acrescenta que os restos de memória evidenciam:

[...] fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (Nora, 2012, p. 13)

Os rastros deixados são cruciais para as fontes que verificam as relações sociais, compreende-se que ao analisar os conteúdos que reivindicam a memória, encontram-se os mais diversificados problemas socioideológicos. Resgatando uma fala da autora bell hooks (2019, p. 281): “A memória sustenta um espírito de resistência.” Em uma sociedade patriarcal, homofóbica, racista, misógina e preconceituosa, recuperar um evento, um dado, um resquício dos grupos minoritários e subalternos, é um ato grandioso de resistência e funcional à busca identitária.

Os lugares de memória estabilizam a memória coletiva e a memória individual, nota-se o quanto um acontecimento depende do outro para serem legitimados. Os lugares de memória são celebrados pois, por muitas vezes, são ameaçados e necessitam de esforços para existirem. A complexidade do lugar de memória envolve os sentidos “material, simbólico e funcional” (Nora, 2012, p. 21). Ao imaginar a materialização da memória como uma fonte de arquivos, é necessário associá-la à imaginação carregada de “uma aura simbólica” (Nora, 2012, p. 21); a funcionalidade de forma que seja pertencente a um ritual; os significados simbólicos como gestos que provocam efeitos de sentidos e cristalizam o chamado de uma lembrança.

Os ambientes frequentados por Henrique em *O avesso da pele* (2020) como as cidades em que residiu, o local de trabalho, o trajeto da saída do colégio até sua casa, outros espaços em que trabalhou e frequentou preservam sua memória. Pedro consolida a lembrança de seu pai ao retomar esses espaços simbólicos, preservando suas essências culturais e resistindo ao esquecimento. O ato de narrar a vida do pai morto que fora injustiçado, assassinado e silenciado pela violência policial e pelo racismo recorrente, torna-se um lugar de memória que reitera a luta antirracista, reafirmando as origens de Pedro e a simbologia de uma luta coletiva que resiste

ao silenciamento e ao esfacelamento histórico. Pedro, ao contar um acontecimento do pai na aula do professor Oliveira:

Mas, quando o professor Oliveira contou para sua turma sobre Malcolm X, quando vocês conversaram sobre Martin Luther King, quando pela primeira vez você ouviu palavra “negritude”, o seu entendimento sobre a vida tomou outra dimensão, e você se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava. Foi com o professor Oliveira que você descobriu que as raças não existiam. Numa única aula você aprendeu que a raça era uma mentira. Que a sua cor era uma invenção cruel e orquestrada pelos europeus. Descobriu que a escravidão negra foi sustentada por discursos racistas a partir do século XVIII. (Tenório, 2020, p. 24)

Pedro direciona sua intenção com o pai, recuperando uma situação a qual Henrique conversa com o professor Oliveira, circunstância em que aprende o significado de ‘negritude’. A situação envolve a descoberta que Henrique faz das narrativas eurocêntricas e hegemônicas, que engendraram a condição do negro como subalterno e, conseqüentemente, como inferior. Neste instante, Henrique compreende que a cor de sua pele era um alvo histórico de perseguição. Ao evocar a fala do passado, do professor Oliveira, em uma imersão de memória coletiva de sua ancestralidade, transgredir para si, à própria memória individual. Reafirmando Maurice Halbwachs (2006), a narrativa memorialística individual se legitima ao entrar em consonância com a narrativa memorialística histórica de um grupo:

De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social. (Halbwachs, 2006, p. 69)

A experiência individual e subjetiva da lembrança está inserida em um ambiente social, carregado de outros componentes simbólicos. A memória de Pedro está inserida em um contexto da sociedade, com ressalvas e elementos pertencentes a um grupo, é uma peça de quebra-cabeça que integra uma essência maior, dependendo de outros fatores que a fazem ter sentido. Ao retomar a experiência de Henrique, ao vivenciar o resquício de um passado colonial e escravocrata, recupera e reitera toda vivência de uma comunidade negra. Pedro revive a vida de Henrique, tomando para si as injustiças sofridas por uma ancestralidade inteira.

Henrique vivenciou a camada social de Porto Alegre, era negro, filho de mãe solo e teve em sua vida muito sofrimento. O racismo de uma sociedade ainda com pensamento colonial e de poder, criou a diferença entre brancos e negros. A supremacia branca nas entranhas da

realidade brasileira proporcionou a Henrique incontáveis humilhações e episódios que dilaceraram a sua alma. Da infância até o último dia de sua vida, Henrique presenciou o racismo, a discriminação, o preconceito e a violência policial. A narrativa memorialística feita por Pedro é uma história inteira de violência racial que perpassa pelas adversidades em uma sociedade racista, opressora e violenta. Evocar o que foi vivido por Henrique é denunciar o racismo que ainda é produzido nas relações sociais e legitimado em locais públicos, privados e oficiais.

A série *Vozes da Floresta - A aliança dos Povos da Floresta de Chico Mendes a nossos dias*, do documentário *Não verás país nenhum (2020)*, apresenta Ailton Krenak, o primeiro entrevistado que aborda a respeito da experiência e da luta indígena no Brasil. É uma abordagem discursiva sobre a ideia de identidade e resgate identitário, difundindo a importância crítica da memória e dentre outros temas ligados à política territorial dos povos indígenas como desafios sociais frente à situação histórica do povo brasileiro. Entre a duração de 42 minutos aos 45 minutos, Ailton Krenak afirma:

A memória é a consciência crítica. A ausência dessa memória deixa a gente refém de qualquer discurso manipulador. Ao invés de ouvir uma mensagem e analisá-la criticamente, você adere a mensagem automaticamente com sentido afetivo e emocional. (Le Monde Diplomatique Brasil, 2020)

A fala proferida por Ailton Krenak é um recorte que chama a atenção para a temática da memória que contribui para este estudo. A memória de um acontecimento, uma comunidade e um passado cristaliza e fortalece essas causas ideológicas. Retomando o romance de Jeferson Tenório, o ato de lembrar Henrique apresenta-se enquanto postura crítica e política, que reivindica as causas antirracistas e justiça social. Pedro nessa inscrição social, reforça para si a existência da comunidade negra, reintegrando à sua identidade, aproximando-se de sua base ancestral e resistindo às manipulações da supremacia branca.

A memória é fundamental para o processo de reconstituição identitária de Pedro, haja vista que a morte trágica do pai associado aos enfrentamentos racistas são fatores que geram o declínio de sua identidade. Os acontecimentos fatídicos de Henrique funcionam também, por meio da memória, como fundamento crítico denunciando as hostilidades proferidas à comunidade afro-brasileira, assim, incita em Pedro sentimento de sensibilidade. A morte do pai pode também ser associada à perda de sua memória ancestral, Pedro ao manifestar essas lembranças oportuniza fortalecer sua identidade, seu pertencimento cultural e seus valores socioideológicos.

A memória coletiva é evocada pela intenção de memória individual em um sujeito cuja representatividade aborda uma comunidade histórica. Pedro transita pelas lembranças do falecido pai em um cenário do século XXI que ainda carrega as raízes do período colonial. As experiências do protagonista Henrique elencam os enfrentamentos de toda uma comunidade que encara historicamente a desumanização racial. A memória individual de Henrique e de Pedro estão atreladas às estruturas sociais, as identidades são geradas a partir da integração em grupos da conjuntura social.

A identidade explorada pela teoria social, tem sido alvo de instabilidade, uma vez que, as identidades mais antigas têm sofrido mudanças, correspondendo à produção de novas identidades. Esse movimento de declínio tem provocado a fragmentação dos sujeitos modernos em um mundo contemporâneo, surgindo, então, a crise de identidade. O autor Stuart Hall (2006) aborda as questões da identidade cultural na sociedade moderna, afirmando:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (Hall, 2006, p. 9)

As identidades sentem a descentralização em um mundo globalizado<sup>4</sup> com as novas tecnologias, o consumismo e o capitalismo, a integração e os movimentos culturais, sociais e políticos, o que desestabiliza os conjuntos ideológicos culturais, transformando e deslocando os indivíduos na esfera cultural e social. Essas alterações nas identidades vão tornando os aspectos identitários e de existência divergentes em simbologias, sentidos e princípios. Conforme o entendimento de globalização e pós-modernidade, enquanto operações dinâmicas que ocorrem nos âmbitos sociais e que interagem com as identidades individuais, Stuart Hall (2006, p. 11) defende que: “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem”. Os indivíduos formam suas identidades em concordância com o mundo exterior, aderindo valores e simbologias que circundam a sua realidade social. Os atravessamentos discursivos dos sistemas culturais

---

<sup>4</sup>A globalização apresenta, segundo Zygmunt Bauman: “O significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a “nova desordem mundial” de Jowitt com um outro nome.” (Bauman, 1999, p. 55).

inferem sentidos aos sujeitos sociais, assim como, uma possível desestabilização no sistema também os alcança.

Conforme Tomaz Tadeu Silva (2006, p. 17), os sistemas de representação direcionam a análise para a disposição entre a cultura e significado como, também, de que forma esses sistemas configuram as posições-de-sujeito em seu interior. As identidades são efetuadas a partir dos sistemas de representação, o que envolve os fenômenos das práticas de significação e dos esquemas simbólicos, resultando nos significados que dão essência às experiências e sentidos à existência de um sujeito social. As mídias sociais, o *marketing*, as inovações tecnológicas de comunicação, as transformações na linguagem e nas produções de significado influenciam e modificam as identidades, sugerindo ocupações e alterações na posição-de-sujeito. Os sistemas simbólicos proporcionam:

[...] novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas. [...] A discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes. (Silva, 2000, p. 20)

O contexto de desigualdades sociais e de exclusão emergem posições-de-sujeito em conformidade com os sistemas simbólicos de determinada cultura. Os grupos subalternizados e discriminados, por exemplo, são determinados pelas instâncias de poder econômico, cultural e político. O processo de globalização, a partir da relação entre as dinâmicas culturais e econômicas, estabelece e avança os comportamentos de consumo e de produção, acarretando em identidades globalizadas e influenciando comunidades.

Em *O avesso da pele* (2020), Pedro está disposto em um sistema de representação em que fora habituado a lidar com os sentidos produzidos pelo racismo estrutural. Os locais pelos quais ele transita, são revestidos de simbologias atravessadas pelo racismo. Pedro frequentemente vê seu pai e sua mãe sendo alvo de preconceitos ocasionados pelos significados e sentidos distribuídos pelo sistema simbólico da cultura racista na sociedade brasileira. O processo identitário é atingido pelas diferenças impostas pelo poder hegemônico que define há séculos o poder dominante do colonialismo e os grupos inferiores/subalternos. A comunidade afro-brasileira ainda é perseguida desde os primórdios da diáspora após o colonialismo europeu. A identidade de Pedro é perseguida e desestabilizada pelas simbologias de um contexto de exclusão que define sua posição-de-sujeito de forma fragmentada.

A diferença e a identidade, conforme Tomaz Tadeu Silva (2000), são fenômenos que interagem entre si definindo as disposições de sujeito na estrutura social. As identidades são constituídas a partir da interação com o 'outro', ou seja, o complexo da identidade vai se formando por meio da diferença. Os sujeitos em posição de poder movimentam as posições-de-sujeito definindo hierarquias e as segregações. No texto de Jeferson Tenório (2020) é visto que o racismo estrutural designa a marginalização, a exclusão e a discriminação aos personagens afro-brasileiros. A existência de Pedro e de Henrique são moldadas e interagem diretamente com esses sistemas simbólicos do racismo, influenciando as percepções de si mesmo e sobre a sociedade. Torna-se evidente que a construção identitária de Pedro acontece pela evocação da memória do genitor, mas, que está diretamente relacionada aos fatos e as transformações da sociedade.

Ao rememorar a vida de Henrique, Pedro determina os pontos de apego em que deve se apoiar, utilizando mecanismos de referência para a reintegração de sua identidade. Ao compreender a vida do pai e, principalmente, os caminhos traçados, incluindo as relações interpessoais, sociais, culturais e políticas, Pedro possibilita a estruturação de sua identidade associando-as às suas próprias experiências de vida. A identidade pode ser vista, então, como uma construção das experiências passadas, das histórias, das memórias, das vivências compartilhadas, da cultura e dos aspectos que fazem sentido às essências individuais.

Em síntese, a identidade fragmentada em Pedro é resultado de um processo simbólico da cultura advindo dos enfrentamentos racistas que ocorreram em sua vida e na vida de seu pai. A memória do falecido pai é uma oportunidade para atribuir novos sentidos à identidade de Pedro, uma vez que, está compreendida pelas memórias individuais e coletivas em que estão instituídas as formas de representação de sua ancestralidade. Pedro tem sua afetividade familiar atingida pelos contextos sociais de racismo que limitam e silenciam a existência do negro. O ato de manifestar a memória do pai não só atua como uma possibilidade de reconstrução identitária, mas, como um ato de resistência às imposições raciais e de discriminação.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa utilizou as teorias de Maurice Halbwachs (2006), Pierre Nora (2012), Stuart Hall (2006) e Tomaz Tadeu Silva (2000) para evidenciar o esfacelamento identitário de Pedro em *O avesso da pele* (2020) e a resignação identitária a partir da escrita memorialística em um cenário contemporâneo de crise identitária. É evidenciado que Pedro e Henrique foram

CLARABOIA, n. 24, p. 64-80, ago./dez. 2025. ISSN: 2357-9234

vivenciando acontecimentos que fragmentaram suas identidades, os atravessamentos raciais influenciaram de forma significativa a percepção que eles têm sobre si mesmo em uma realidade que define corpos negros como marginalizados. A definição da sociedade sobre a identidade negra altera a percepção desses indivíduos e como eles mesmo se veem nas esferas sociais. A memória de Henrique foi fundamental para que Pedro retomasse as experiências do pai fortalecendo sua percepção de si, de sua ancestralidade e de sua comunidade.

A estilística da memória evoca o passado de Henrique, violentado e silenciado pelas instâncias de poder do racismo estrutural. Pedro recupera as lembranças do pai na narrativa, confirmando a teoria da memória coletiva e memória individual, o que Henrique viveu relaciona-se com as experiências de uma memória coletiva, comprovando-se pelos acontecimentos da comunidade negra. Reitera-se à memória a importância das interações da sociedade, os fenômenos sociais marcam a memória coletiva e individual dos sujeitos resulta, consequentemente, na materialização da memória em lugares, itens e mecanismos simbólicos. Verifica-se que os lugares de memória fortalecem o vínculo entre a lembrança, a existência e a resistência, isso porque solidifica os resquícios da dinâmica da memória, dos enfrentamentos antirracistas e materializa as identidades ancestrais.

A cristalização desses lugares de memória expressam a sua importância enquanto uma luta contra o apagamento e ao silenciamento de grupos e comunidades. A identidade enquanto fenômeno influenciado pelas transformações sociais, culturais e políticas em meios às diferenças e às relações hierárquicas, pode acarretar em sujeitos fragmentados e desestabilizados. A memória confere à identidade de Pedro a reaproximação afetiva e familiar, fortalecendo sua existência na sociedade e promovendo sentimento de resistência frente aos ataques da violência racial.

Por fim, *O avesso da pele* (2020) contribui para as pesquisas literárias como também para as pesquisas sociopolíticas, haja vista que apresenta as relações de sentidos estilísticos da memória e da identidade problematizando as consequências da violência simbólica e física do racismo estrutural. A instância da memória resgata a identidade de Pedro ao evocar e reafirmar a sua ancestralidade afro-brasileira e o seu pertencimento cultural, destacando a sua comunidade e denunciando as mazelas sociais.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**. As consequências humanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 2 / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. **Vozes da Floresta | Ailton Krenak**. YouTube, 14 de abril de 2020. 59min38s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJH1os4w>. Acesso em: 13 jan. 2025.

Nora, P.; Aun Houry, T. Y. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012.

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TENÓRIO, Jeferson. **O Averso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.